



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE MEDICINA
DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL

NEYLLA CARVALHO DA SILVA

O TERAPEUTA OCUPACIONAL NAS CARTOGRAFIAS DO CORPO

RIO DE JANEIRO
2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE MEDICINA
DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL

NEYLLA CARVALHO DA SILVA

O TERAPEUTA OCUPACIONAL NAS CARTOGRAFIAS DO CORPO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Departamento de Terapia Ocupacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção de grau em Terapia Ocupacional.

Orientadora: Samira Lima da Costa

Co-orientadora: Maria Ignez de Souza Calfa

RIO DE JANEIRO

2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE MEDICINA
DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL

NEYLLA CARVALHO DA SILVA

Monografia apresentada ao Departamento de Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito para obtenção do título de graduação em Terapia Ocupacional.

APROVADO EM: ____ / 07 / 2015

Profa. Dra. Samira Lima da Costa
(Orientadora)

Profa. Dra. Maria Ignez de Souza Calfa
(Co-orientadora)

Dra. Rosa Maria de Araújo Mitre
(Membro da Banca)

Dedico este trabalho aos meus Pais, os grandes mestres que a vida me apresentou.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela força e luz para os meus caminhos nesta jornada de formação, por vezes, cheia de dúvidas, deleites, dores e alegrias.

Aos meus pais agradeço em emoção e amor por cada semente em mim plantada e regada com paciência e confiança de que germinaria uma árvore que valeriam seus esforços, palavras, abraços e sopros para que eu voasse.

A minha irmã Neyva que no compartilhar dos dias incentivou ofertando carinho e auxílio que fizeram toda diferença. Aos meus irmãos Hélida e Rodney que mesmo estando distantes pude sentir sua torcida por esta realização.

A Luiz Fernando, meu amor companheiro, que com paciência ouviu meus lamentos, compreendeu minhas ausências, esperou me no fundão inúmeras vezes, abraçou me aliviando as cargas, incentivou de todas as formas possíveis, sorriu comemorando cada conquistas alcançada e permanece caminhando ao meu lado.

A Professora Maria Ignez por ser muito mais que uma professora, uma amiga, uma mestra, que ensina com o compartilhar da vida, imprimindo a marca do corpo como fundamental para a existência humana. Hoje sou corpo porque dela aprendi ser este a minha morada.

A amiga Cristina Viana, pois juntas mergulhamos na loucura, no curso de Dança/UFRJ e nos encorajamos a seguir a Terapia Ocupacional dividindo as cargas e conquistas durante os períodos que se seguiram.

Ao Professor Marcus Vinícius por me orientar ao reingresso em Terapia Ocupacional apresentando-me esta carreira que em muito ampliou meu olhar sobre o humano.

A Professora Samira, mais que orientadora, uma encorajadora que tornou este processo de escrita leve e prazeroso; que no início deste desafio, de construir o

TCC, aceitou navegar comigo colocando-se como cartografa do corpo e possibilitando me descobrir aspectos do terapeuta ocupacional em mim, que antes desconhecia.

A Rosa Mitre que conheci, em meu maior momento de crise no curso, e de quem pude ouvir e aprender aspectos do terapeuta ocupacional que revigoraram, colocando me com vigor de volta a caminhada.

Aos meus Amigos tão queridos que, por vezes, me abraçaram com seus ouvidos, falas e braços. Proporcionando momentos de leveza e alegria em meio às muitas correrias.

Aos Professores Miryam Pelosi, Lisete Vaz, José Otavio, Fátima Maia, Camilla Barros, Vera Souza, Tania Fernandes, Carolina Carmo, Carolina Rebellato; que pela doação de seus conhecimentos me atravessaram com seus ensinamentos agregando aspectos do terapeuta ocupacional que estão impressos em cada parte de mim.

Aos Colegas de curso com os quais pude dividir esta formação que, de muitas formas diferentes, me ajudaram a formar o olhar-cartografo do corpo.

Aos espaços de Estágio por onde passei, as muitas pessoas que tiveram paciência com minhas inexperiências e das quais jamais esquecerei.

Ao Laboratório de Arte Educação e aos *Lariantes* pela parceria de sempre que tanto me alimentou nesta jornada.

A toda Sociedade Brasileira, que por meio de seus trabalhadores contribuintes, possibilitaram-me a experiência de formação em uma universidade pública.

***“Não, não é fácil escrever. É duro como quebrar
rochas. Mas voam faíscas e lascas como aços
espelhados.”***

Clarice Lispector

RESUMO

O presente trabalho se estrutura em uma pesquisa baseada no método cartográfico que analisa um registro autobiográfico no intuito de apresentar o olhar e a escuta qualificada – importantes elementos na formação e na prática de um terapeuta ocupacional – como processos que se constituem mediante o mapear de corpos. Sendo assim, investiga-se o terapeuta ocupacional como um cartógrafo do corpo em sua ação de cuidar. Considera-se este processo possível à medida que o terapeuta ocupacional exercita o olhar para si mesmo como caminho para olhar o outro. Logo, este trabalho se configura como um convite a pensar o corpo na relação estabelecida por meio do cuidado.

Palavras-chave: Terapia Ocupacional, Cartografia, Corpo, Cuidado.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO -----	10
2. JUSTIFICATIVA -----	12
3. OBJETIVO -----	15
3.1. OBJETIVO GERAL-----	15
3.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS-----	15
4. APORTE TEÓRICO -----	16
5. METODOLOGIA -----	19
6. DIÁRIO DE BORDO DE UM CORPO EM FORMAÇÃO -----	23
7. DISCUSSÃO – ANÁLISES POSSÍVEIS: Diálogos sobre e ----- com o corpo, entre pistas e rastros	39
7.1. Análise- Aspectos do corpo destacados no diário de bordo-----	44
7.1.1 Corpo-Refluxo-----	44
7.1.2 Corpo-Influxo-----	49
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	56
REFERÊNCIAS -----	58

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como tema as práticas do terapeuta ocupacional como um tecer de cartografias do corpo. A questão que alimenta o tema é: como o olhar do terapeuta ocupacional mapeia a terra, esta entendida como corpo, e constrói trajetórias produtoras de subjetividade, de sentido, para os indivíduos com os quais se relaciona? Considerando a natureza do trabalho ora proposto, optei aqui por assumir duas escolhas: a linguagem baseada em processo artístico e o texto em primeira pessoa, reafirmando o caráter auto-reflexivo que constitui, em última instância, o percurso do estudo.

Essa questão me atravessa quando começo a revisitar os contatos vividos com terapeutas ocupacionais atuando em seus campos. Seja nos estágios que fiz, seja nos relatos de professores, percebo como o olhar para o sujeito como um todo permeia o fazer do ser Terapeuta Ocupacional sendo fundamental para que a atividade terapêutica possa acontecer.

Sendo assim, é importante questionar: o que seria o sujeito como todo senão Corpo, em sua integralidade? Segundo (ALMEIDA, 2004, p.4): “Terapia Ocupacional é a paixão de imaginar de corpo inteiro, ou melhor, de produzir um corpo sonhador”. Percebe-se que a prática do terapeuta ocupacional está estreitamente relacionada com o Ser Corpo que constitui a cada um e, como tal, o olhar deste profissional é para este corpo. Em cada encontro entre usuário e terapeuta ocorre o que Castro, Lima e Brunello anunciam:

A história pessoal é contada aos poucos, e nesse acompanhamento e nessa escuta é possível mapear também necessidades e possibilidades que estabelecerão um conjunto de práticas centradas no fazer humano... (CASTRO, LIMA, BRUNELLO, 2001, p.49).

O mencionado acima é possível quando o encontro acontece, ou seja, o olhar e a escuta se fazem presentes para que se possa perceber o corpo, o ser da pessoa que está à frente e desta forma, enquanto terapeutas vamos construindo cartografias dos corpos, que segundo Calfa:

são grafias do corpo que desenham em sua escrita os processos históricos e geográficos, o humano, desvelando em seus traços o mapeamento de uma cultura e de uma

identidade, nos mitos despertados e nas marcas tatuadas nos corpos. (CALFA, 2006, p.51).

Neste caminho de escrita, foi notório a necessidade de uma auto-cartografia, pois, entendeu-se a necessidade de um olhar para Si que possibilita um olhar para o outro. Sendo assim, nas primeiras páginas deste trabalho encontra-se uma autobiografia intitulada: “Diário de bordo de um corpo em formação: Cartografia em Folhas Verdes de uma Estudante em Terapia Ocupacional”. Com isto, buscou-se identificar as diferentes perspectivas do corpo apresentadas na trajetória pelo curso de terapia ocupacional rumo a um corpo-cuidador.

Através da análise deste material, criaram-se categorias para melhor identificar os caminhos do corpo ao longo do curso e introduzir um pensar sobre este e desta forma, iniciar a reflexão sobre o olhar desenhando cartografias.

Este trabalho, no delinear de suas linhas, pretende refletir sobre a possível relação das Cartografias do corpo e o Ser Terapeuta Ocupacional. Neste contexto, apresenta como hipótese a idéia de que o terapeuta ocupacional é um cartógrafo do corpo que, por meio do cuidado, contribui para que os sujeitos criem e vivam suas cartografias, histórias, desejos.

Assim, perceberemos a integração entre o método cartográfico da pesquisa e as cartografias do corpo, que preconizam um olhar sobre si mesmo, podendo ser estimulado por um cartógrafo que se disponha ao reconhecimento atento de processos de experiências.

2. JUSTIFICATIVA

A Cartografia do Corpo é um tema que, por meio da Corporeidade, embasa meus estudos em Dança a partir de meu vínculo com o Laboratório de Arte Educação da UFRJ¹

Esta pesquisa é caracterizada como um desafio que me foi colocado no início deste curso, ou seja, a convergência de minha primeira formação em Dança com a Terapia Ocupacional, no intuito de somar experiências e aprendizados. Ao escrever estas linhas percebo que um movimento começa a surgir entre a Dança e a Terapia Ocupacional, à medida que as cortinas de meus olhos vão abrindo, e percebo os cruzamentos destes caminhos por mim vivenciados. Os Estudos a respeito da Terapia Ocupacional, por vezes, pareciam divergir meus pensamentos e desejos, não foi tarefa fácil, encontrar no caminho, o meu lugar de comunhão entre os saberes.

Uma experiência marcante para que começasse a surgir tal movimento, entre a Dança e a Terapia Ocupacional, ocorreu em estágio no Instituto Nacional Fernandes Figueira; a preceptora daquele estágio, ao ver-me, declarou: “Você ainda vai descobrir muitas pontes entre a T.O e a Dança”. No decorrer do estágio fui observando o olhar dessa terapeuta ocupacional para os pacientes, o encontro, o apreender das necessidades, a escuta, os relatos que na supervisão a mesma conseguia construir sobre os sujeitos; hoje, ao relembrar estes momentos, entendo as ações que ela realizava como o cartografar do corpo, ou seja, mapear por meio de suas práticas a história de vida dos sujeitos e propor intervenções que aproximem os mesmos de suas realidade, enaltecendo suas subjetividades fomentadoras de existência.

Logo, ao precisar desenvolver uma pesquisa e escrever, um filme foi me passando na mente composto por Terapeutas Ocupacionais que pude admirar por suas ações junto à usuários, estudantes, Seres Humanos. Por vezes, pude ver alguns professores olharem pacientes graves e detectarem possibilidades de ações junto aos mesmos, avaliar recursos e propor o que melhor se

¹ Coordenado pela Profa. Dra. Maria Ignez de Souza Calfa, que vem desenvolvendo pesquisas sobre esta temática e de quem é a criação de tal olhar sobre o corpo.

adequaria a determinada realidade; experimentei olhares que parecem atravessar a superfície dos olhos que miram e oferecer contorno por meio da escuta; professoras que de forma prática, mostraram o olhar que oferece acolhimento aos estigmatizados; encontrei outras que me apresentaram o olhar do terapeuta ocupacional para a relação que os sujeitos estabelecem com seus territórios; professores que ao olharem a Terapia ocupacional encontraram um caminho para dançar a arte, como criação constante de si.

Tantos outros olhares eu poderia citar... Mas o que começou a se desenhar enquanto pensamento foi o que de comum eu conseguia apreender: a delicadeza do olhar. Um olhar que vê com o corpo inteiro e que por assim ser, o faz com todos os sentidos, e ao se colocar de tal forma consegue despertar no outro subjetividade, sentido de existência, pois mapeia o corpo e aponta caminhos para que o sujeito se empodere, dando a este propriedade sobre a cartografia de seu corpo, ou seja, seus processos de vida, de identidade, memória, na medida em que, por meio das atividades, trabalham o cotidiano.

A relevância desta pesquisa caracteriza-se pela necessidade de estudos em terapia ocupacional que se debrucem sobre os aspectos que são constituintes do terapeuta ocupacional e que carreguem como foco a questão do corpo, porque é com este que lidamos enquanto profissionais do cuidado, pois, assim como não existe dança sem o olhar para o corpo, parece que não existe prática terapêutica ocupacional sem um olhar que contemple o corpo. Ao mencionar corpo entendo o como Calfa (2014):

O que vem à presença e aparece a partir de si mesmo é corpo [...] Corpo é tudo e em tudo o que percebemos a cada instante [...] O Corpo é a morada do ser: o lugar em que vigora a ação, o agir do ser, como um pensar-sentir (CALFA, 2014, p.47).

Assim encontra-se na terapia ocupacional a possibilidade de continuar uma ação investigativa sobre o corpo com base nos princípios de uma valorização da corporeidade no desenvolvimento da escuta estimulando o lugar da experiência do corpo aprofundando os processos terapêuticos a partir da arte. Desta forma, o trabalho justifica-se sobre a perspectiva de estudos que

relacionem a arte e a saúde estreitando o diálogo por meio de caminhos que evidenciem o corpo, o fazer do terapeuta ocupacional, os recursos que o mesmo utiliza, construindo traços de um possível intercâmbio entre duas áreas do saber: a Dança e a Terapia Ocupacional.

3. OBJETIVOS

3.1.OBJETIVO GERAL:

- Discutir sobre a formação e atuação do terapeuta ocupacional como ações criadoras de cartografias do corpo.

3.2.OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Analisar registro autobiográfico com o intuito de averiguar os diferentes aspectos do corpo na formação do terapeuta ocupacional.
- Identificar nas ações do terapeuta ocupacional o papel do cartógrafo ao mapear contextos, perspectivas ocupacionais, vidas.
- Verificar, por meio de afinidade entre os saberes os cruzamentos entre dança e terapia ocupacional no que se refere ao olhar, ao movimento, a arte.

4. APORTE TEÓRICO

Os chineses vêem as horas nos olhos dos gatos.

Um dia, um missionário, passeando nos arredores de Nanquim, percebeu que tinha esquecido o relógio e perguntou a um garotinho que horas eram.

A princípio, o moleque do celeste Império ficou indeciso; depois, mudando de ideia, respondeu: “Já vou lhe dizer”, e foi embora. Passando alguns instantes, ele reapareceu, segurando nas mãos um gato bem gordo, e fitando-lhe, como se diz, o branco do olho, afirmou sem hesitar: “Ainda não passou do meio-dia”. O que era verdade. (BAUDELAIRE, 2010, p.50)

Início com este poema em prosa, pois, em suma pretende-se discorrer sobre o olhar como essencial para as reflexões que se seguirão, visto que por meio deste é possível captar, mesmo que não em totalidade, a imensidão que habita em cada um e ver como o tempo se apresenta no acontecer de cada corpo.

A imensidão está em nós. Está ligada a uma espécie de expansão de ser que a vida refreia, que a prudência detém, mas que retorna a solidão. Quando estamos imóveis, estamos algures; sonhamos num mundo imenso. A imensidão é o movimento do homem imóvel. (BACHELARD, 2008, p. 190)

Ler essas palavras de Bachelard nos leva a pensar os “pacientes”, seres humanos, que chegam imóveis/imobilizados/desmobilizados por alguma razão e que, em nossas ações, permeadas de atividades, são vistos pelo olhar que analisa, mapeia possibilidades, a imensidão como movimento produtor de sentido que recria a vida. A atividade se apresenta com seu sentido fundamental que segundo Castro, Lima e Brunello (2001), é o de ampliar o viver e torná-lo mais intenso, nunca diminuí-lo ou esvaziá-lo.

As atividades são sempre produção do universo cultural humano [...] não se trata de construir modelos, receitas, bulas, indicações de atividades, mas de construir com cada paciente, junto com ele, uma trajetória singular, um projeto de vida [...] Trata-se de ampliar a vida... (CASTRO, LIMA e BRUNELLO, 2001, p.57).

As Cartografias chegam como a possibilidade de aprofundar o olhar sobre esta imensidão, visto que, com o estudo da temática “Cartografias do Corpo”, pretende-se mapear o corpo e identificá-lo como lugar de origem, nossa terra, onde moramos e habitamos, assim, se estabelece uma maior percepção, observação e identificação na busca de uma proximidade com o corpo na relação consigo viabilizando o encontro. .

Podemos perceber o corpo como forma de escrita e leitura na narrativa de uma história que revela singularidade. O corpo acontece como espaço, um mapa criando possibilidades de estabelecer correspondências com o mesmo colocando-se simultaneamente como destinatário e remetente, o corpo como muitas possibilidades de ser. A Cartografia em sua investigação oportuniza o sair do automatismo e da mecanização do olhar, despertando os mais variados aspectos de ser corpo revelando um estado de tensão permanente do que se mostra e do que se retrai.

O termo cartografia surge da geografia, cuja função principal é mapear uma área.

Para os geógrafos, a cartografia- é um desenho que se acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem. Paisagens psicossociais também são cartografáveis. A cartografia, nesse caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos - sua perda de sentido- e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornam-se obsoletos. (GUATTARI e ROLNIK, 1986, p. 23).

Na dança por meio da corporeidade, a função da cartografia é a de mapear o corpo, fazer um estudo do lugar. Todo corpo pode ser um estudo cartográfico, pode ser mapeado em traços, cores, palavras, imagens. Podemos pensar o corpo como um vasto espaço cheio de relevos, picos e diversos acidentes geográficos, os quais constituem, em seus contornos e silhuetas o corpo e sua respectiva cartografia.

Então um cartógrafo é um observador da terra assim como um dançarino é um leitor do corpo, um observador da própria vida e da vida do outro, um colecionador de imagens, de ações, de

gestos, de coisas, de acontecimentos, pois dançar é mapear o terreno do corpo. (RODRIGUES, 2011, p.51).

O processo de cartografar acontece através do mapeamento por meio da escuta do corpo que possibilita o desvelar e provoca a dimensão de se dizer; descobrir-se na experienciãção sensível de, ao ver-se, perceber seu lugar, origem, terra, morada. Sendo assim, é possível entender que cada um possui uma Cartografia do corpo, onde vigoram suas marcas em forma de memória sendo esta um estandarte de si. Apenas percebemos esta Cartografia quando somos estimulados a experiência do olhar-se.

Neste ponto, percebe-se o terapeuta ocupacional como cartógrafo, pois, por meio do olhar, da escuta propõem intervenções através de atividades produtoras de sentido, e por meio destas, vão se delineando os contornos da Cartografia do Corpo de cada sujeito que é acolhido.

Para que o terapeuta ocupacional possa colocar-se enquanto cartógrafo precisa estar aberto ao diálogo, é apenas por meio dele que o encontro com o outro acontece e o cuidado se estabelece. Podemos entender o diálogo como Castro evidencia:

A Dialética da realidade é sempre inclusiva, aberta e inesperada. O real como realização da realidade não pode caber em nenhum sistema ou padrão ... Trata-se no diálogo e na dialética de um acolhimento das diferenças na identidade... (CASTRO, 2014, p.62)

O diálogo nos coloca frente ao inesperado, tirando de nós os respaldos de padrões e levando nos a acolher as diferentes identidades, o diálogo nos convida “a olhar no fundo dos olhos do gato e ver o tempo”, ou seja, enquanto terapeutas ocupacionais somos convidados a olhar no fundo dos *olhos-corpos* das pessoas com quem lidamos e desta forma, vermos o tempo, a memória, o diverso de cada um e assim, criarmos, junto aos mesmos, os traços de tão complexo mapa que é o ser, conduzindo a perceber-se como agente de sua vida, que vigora no corpo levando o a apropriar-se da Cartografia.

5. METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, baseada no método cartográfico que segundo Passos, Kastrup, Escóssia (2009, p.8): “Pesquisas quantitativas e qualitativas podem constituir práticas cartográficas, desde que se proponham ao acompanhamento de processos”. Este método foi estabelecido por Deleuze e Guattari (1995), e em linhas gerais trata-se sempre de investigar um processo de produção.

O método em questão, parte da reversão metodológica ao entender a etimologia da palavra onde destaca-se: *metá-hódos* onde *hódos* significa, em grego, caminho, assim propõem *hódos-meta*, um caminho que colocará em evidência a meta, apostando em um método não para ser aplicado mas experimentado. Com suporte da poética², esta reversão se completaria ao entendermos *meta*, em seu significado grego, como *entre*, assim o processo de um método nos coloca *entre caminhos*, abertos a possibilidades da experiência.

Como campo de análise, optou-se pela construção de um diário de bordo, uma cartografia do processo de formação em terapia ocupacional; nisto estabeleceu-se a política construtivista da pesquisa que preconiza o tomar do mundo como uma invenção, como engendrado conjuntamente com o agente do conhecimento (KASTRUP 2009). A construção desta cartografia e o analisar de seu processo de experiência evidenciou alguns aspectos do terapeuta ocupacional que podem constituí-lo enquanto cartógrafo, em suas muitas formas de ação.

O método cartográfico sinaliza a importância de quatro aspectos da atenção do cartógrafo: o rastreio, o toque, o pouso e o reconhecimento atento. Por meio destes, foram definidos o campo de pesquisa, pois, o rastreio é o

² “A poética é todo e qualquer fazer que produza o encanto de transformar algo que não é no que este algo virá a ser. Ela não ouve, ela não vê, ela não sente, ela dá-se. Dá-se como tempo e espaço em que estes são suspensos, respectivamente, como cronologia e extensão, e afirmados como tempo e espaços vividos. Ela se dá como medida concreta. Como medida concreta de tempo e espaço, isto é, ser”. (JARDIM;Antonio, 2007, p.5)

gesto de varredura do campo; assim localizamos a formação como um campo a ser visitado para que com isto uma base ampla fosse criada dando suporte para uma possível análise.

Desta forma, “Tudo caminha até a atenção, numa atitude de ativa receptividade, é tocada por algo” (KASTRUP, 2009, p.42). O toque não é unidirecional, assim não segue um único caminho para alcançar um fim; o toque aponta uma possível direção, que pode ter muitas ramificações. O toque, no caminho desta pesquisa, acontece entre o corpo-pesquisador e corpo-memória, que narra e sente a formação do terapeuta ocupacional, apontando algo a ser observado.

No processo, percebe-se o gesto do pouso, quando uma parada acontece e o campo se fecha; nota-se o olhar do terapeuta ocupacional sobre o corpo, das mais diversas pessoas com quem lida, delineando cartografias. Observa-se então, o terapeuta ocupacional como um cartógrafo do corpo exercendo os aspectos da atenção em suas ações de cuidado.

A atitude investigativa do cartógrafo seria mais adequadamente formulada como um “vamos ver o que está acontecendo”, pois o que está em jogo é acompanhar um processo, e não representar um objeto... o reconhecimento atento tem como característica nos reconduzir ao objeto para destacar seus contornos singulares. (KASTRUP, 2009, p.45).

O reconhecimento atento desloca o estudo do automatismo, pois cartografar um território envolve atenção, análise de um processo de experiência. Neste trabalho, foi este o método adotado, ao entender o processo de formação como um território a ser reconhecido atentamente na construção do olhar e da escuta qualificada, do terapeuta ocupacional.

Em linhas gerais, neste trabalho se observa a trajetória do método cartográfico investigando a formação, no diário de bordo apresentado; as análises realizadas evidenciam os estudos do Laboratório de Arte Educação, colocando o terapeuta ocupacional como cartógrafo do corpo.

Todo este percurso é possível pelo foco dedicado à experiência vivenciada, que instiga este pensar e a construção deste trabalho, configurando esta pesquisa, por meio da cartografia, como espaço de intervenção.

Conhecer a realidade é acompanhar seu processo de constituição, o que não pode se realizar sem uma imersão no plano da experiência. Conhecer o caminho de constituição de dado objeto equivale a caminhar com esse objeto, constituir esse próprio caminho, constituir-se no caminho. Esse é o caminho da pesquisa-intervenção. (PASSOS; BARROS, 2009, p.31).

Segundo Passos e Barros (2009), a unidade entre pesquisa e intervenção tira o eixo da forma tradicional do conhecimento científico. Por isso, o registro do trabalho de investigação ganha função de disparador dos possíveis desdobramentos da pesquisa. Assim, ao estabelecer este trabalho sobre as bases de um diário de bordo, perseguimos a escuta dos lapsos, dos atos falhos como diz Lourau (apud PASSOS e BARROS, 2009, p. 175).

Os textos diarísticos revelam as implicações dos pesquisador e realizam restituições insuportáveis à instituição científica... O texto diarista enuncia sua própria produção, liberando-se da pretensão do conhecimento definitivo sobre o objeto. (LOURAU, 1993, p. 72 apud PASSOS e BARROS, 2009, p. 175).

De acordo com Barros (2009, p.200) diz: “realizar uma pesquisa-intervenção nos lança neste plano”, o plano da experiência. Logo, ao construir um diário de bordo a experiência da formação torna-se coletiva e esta pesquisa torna-se um convite ao pensar sobre as questões apresentadas e caminhos trilhados.

O processo contou com várias etapas intercaladas, sobrepostas, interdependentes. A elaboração do diário de bordo se estabeleceu a partir da revisitação dos materiais escritos ao longo do curso, nas diferentes disciplinas. Todo este material se apresentou diante de meus olhos como experiência, memória, funcionando como um índice remissivo, que remetia a movimentos através do tempo – me provocando no corpo re-experimentações, como cheiros, temperaturas, cansaços, alegrias e tristezas – e movimentos que me colocavam em diálogo permanente com a minha questão acerca do terapeuta-cartógrafo.

O diário de bordo, em princípio, foi elaborado em primeira pessoa, com contornos diarísticos. Em seguida, incorporando sugestões de Lopes, Silva e Protázio (2011), foi transformado em relato em terceira pessoa, produzindo ao mesmo tempo familiaridade e certo estranhamento entre os aspectos do corpo que se encontraram neste trabalho.

Foram definidas categorias para um melhor aprofundamento sobre as questões do corpo, estabelecidas mediante as experiências vivenciadas que provocaram no corpo o mencionado em cada uma dessas. O método sugerido por Gomes (2012) para analisar e interpretar dados de uma pesquisa qualitativa conhecido como núcleo de sentidos, inspirou o agrupamento semântico dos trechos para análise e discussão.

6. DIÁRIO DE BORDO DE UM CORPO EM FORMAÇÃO:

A Cartografia em Folhas Verdes de uma Estudante à Terapia Ocupacional³

Ela está pronta, coração acelerado, parceira aprumada em seus braços, são anunciadas, acendem-se as luzes, estão vendadas e em silêncio ela começa a caminhada forte e lenta rumo ao centro do palco, ao chegar, o som de Pink Floyd anuncia: Sujeito a Alterações.

Movimento após movimento era a loucura que celebravam, o lugar do desconhecido que podia guiá-las do sofrimento ao prazer, das amarras às entranhas. Ali naquele palco diante daqueles olhos que se vestiam de desconforto, podiam ser alteradas e abastecidas de comunhão ao dançarem. Estavam em contato a todo instante, como se duas cabeças habitassem um só corpo, como se muitas vozes falassem, seus movimentos vibravam, percutiam enquanto deslizavam, mudavam de direção e se olhavam; no fim ela carregava sua parceira em deformações que não cessavam, as luzes se apagaram e atrás das cortinas elas se abraçaram. O corpo dela tremia, nunca havia sentido tamanha força emanar de si, chorou.

Em uma tarde de abril do ano de 2011, um anúncio no mural dizia: Vagas para estagiários de dança no Instituto de Psiquiatria da UFRJ, o conhecido IPUB. Candidatou-se a vaga, ali teria que ministrar oficinas de expressão corporal a pacientes das enfermarias psiquiátricas e começava a dançar em outro palco, mofado, fétido, uniformizado, dopado, esquecido mas carregado de pessoas intrigantes chamadas comumente de loucas, ela pouco entendia o porque, naquele contexto, o louco era tão doente quando parecia tanto saber sobre a vida.

Era um projeto novo que se iniciava, em meio aos conflitos dos últimos períodos de dança, aquele lugar de estágio parecia ser um recanto onde a arte que aprendera, aos seus olhos, ganhava casa. Aquelas pessoas das enfermarias eram corpos vívidos, que precisavam ser vistos e por meio de

³ Na primeira versão do diário de bordo, este foi construído em primeira pessoa e vários nomes atravessaram este relato. Ao colocá-lo em terceira pessoa, para realização de análise estes nomes foram omitidos por não haver permissão dos envolvidos para citá-los

canções e movimentos eles apareciam. Ela pouco entendia o que vinha escrito em seus prontuários, mas uma certeza lhe batia a porta, era para aquilo que estudara arte, e o que era aquilo? Sabia tão pouco daquela realidade, mas uma palavra ecoava em sua mente: Potência.

No fim de julho o estágio acabou, ela sonhou com aquelas pessoas por dias, inquietou-se, parecia ter sido lançada no vazio, no nada, e lembrou-se de um professor que dizia: “o Nada procura o homem, dispondo-o a todas as procuras pelo sentido...” Era o sentido que estava a lhe sussurrar aos ouvidos um caminho, o de conhecer pela Arte a Saúde mas como poderia trabalhar com isto, a dança permitiria entrada em tal campo?

Ela sempre gostou de circo, tem um tio Palhaço e aprendeu pirofagia⁴, vinha fazendo provas para ingressar na escola de Circo chamada PROFAC. Em setembro daquele mesmo ano foi aprovada, ao mesmo tempo em que lhe apresentaram a Terapia Ocupacional que, segundo disseram, era um curso que começara na UFRJ no ano de 2009 e que tinha em seu cerne avaliar o contexto no qual o homem estava inserido e então propor intervenções que iam de encontro ao fazer humano, lidando com o desejo do mesmo; era aberto a todo processo criativo e tinha como objetivo principal as atividades. Conheceu como sendo um curso da saúde e apareceu como possibilidade de dar continuidade ao vivido, nos meses anteriores.

Precisou escolher entre o Circo ou a Terapia Ocupacional; optou pela segunda. Formou-se em Dança em janeiro de 2012 e em fevereiro do mesmo ano era aluna reingressa; caminhava pelo Centro de Ciências da Saúde, um prédio que teria sido lugar de passagem em sua primeira formação e que agora se apresentava como casa. A maior parte de suas aulas eram em um espaço chamado sub-solo, um lugar escondido, de paredes cinzas sufocantes, de salas muito geladas ou muito quentes. Mas estava empolgada, no início as características desse cenário eram apenas detalhes.

Para a prova de reingresso ela já havia lido o livro “Terapia Ocupacional no Brasil fundamentos e perspectivas”. Era tudo o que conhecia sobre o curso que iniciava, naquela manhã de fevereiro, e a primeira disciplina que a

⁴ Pirofagia é a arte de manipular fogo, em forma de malabares, cuspidando, passando no corpo. Técnica amplamente usada no circo.

receberia chamava-se: Fundamentos da Terapia Ocupacional. Ela queria fazer todas as perguntas ali, naquele espaço: como este curso pode me ajudar a fazer conexões com o vivido no IPUB; com o trabalho artístico que venho pesquisando; com o curso de dança que acabei de finalizar; como estaria a Terapia Ocupacional relacionada às minhas vivências? Como ampliaria meu olhar sobre o corpo e através deste, sobre o cuidado?

Com o passar das aulas, foi percebendo que ninguém responderia estas questões a ela, teria que se dispor a investigar e mergulhar com o corpo neste novo campo.

O termo *Atividades* logo se juntou a jornada. Ela aprendeu coisas como: O sentido fundamental das atividades é ampliar o viver e torná-lo mais intenso, nunca diminuí-lo ou esvaziá-lo, é como um elemento articulador entre sujeito e sua comunidade, As atividades são sempre produções do universo cultural humano. Neste ponto lembrou de um filme chamado: *Si Puo Fare*, um filme italiano, que em português chama-se: *Dá pra fazer*, até hoje, diz ser o que melhor figura um Terapeuta Ocupacional para ela, o olhar sobre o contexto, o lidar com outro. Os preceitos da CIF⁵ que tem relação direta com os Fatores Contextuais (Fatores ambientais e Fatores pessoais), os percebeu vendo este filme e até hoje persegue este olhar, esta escuta do outro alcançada a medida que escuta a si.

Foi nestes inícios, entre disciplinas como: Análise do Movimento nas Atividades Cotidianas, T.O Geral, Educação Popular e Inclusiva, Laboratório A e B, Sistema Neurolocomotor, que foi sendo apresentada ao conceito de Saúde.

Em meio a muitas coisas que ia lendo, quis destacar um texto chamado “Higiomania a obsessão com a saúde na sociedade contemporânea”⁶. Esta

⁵ CIF: “Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde. Constitui o quadro de referência universal adotado pela OMS para descrever, avaliar e medir a **saúde** e a **incapacidade** quer ao nível individual quer ao nível da população”. Tradução de LEITÃO, Amélia. Classificação Internacional de Funcionalidade e Saúde. Organização Mundial da Saúde. Lisboa: 2004.

⁶ NOGUEIRA, R.P. Higiomania: a obsessão com a saúde na sociedade contemporânea. In: VASCONCELOS, E.M. (org.) A saúde nas palavras e nos gestos. São Paulo: HUCITEC, 2001. p.63-72.

leitura a fazia refletir acerca deste aparente poder, de algumas áreas do saber, sobre este bem tão querido dos seres humanos, a saúde. Em um trecho o autor coloca: “estamos numa fase em que de novo as regras da boa saúde são convertidas num dogma, num dogma sobre o corpo sadio, cuja imagem é agora idolatrada em todos os lados”. Nesta época ela pouco imaginava que este tema circundaria todos os seus fazeres e continuaria a se questionar: O que é saúde? E então o que é cuidado?

No primeiro livro que leu sobre Terapia Ocupacional, aparece o trecho: “Nos anos 90 saúde passa a ser entendida como Produção de Vida e não como reparação de Danos o que implica uma multiplicidade de intervenções”⁷. Então o que seria a Vida? Como elaborar intervenções que correspondam a esta vida?

Olhava para sua vida, os passos naqueles corredores cinza estavam ficando mais pesados, o corpo dela parecia obediente, acostumado com o trajeto, com quantas passadas dar até a sala, até o almoço, até a sala novamente, até o ônibus, até chegar em casa e então tudo recomeçaria, estava se perdendo no caminho.

Não podia desconsiderar o cansaço no corpo, por estar completando 6 anos de Universidade Federal do Rio de Janeiro. Aquele espaço ano após ano, parecia como paredes que iam se fechando e estavam prontas a esmagá-la, não podia deixar de caminhar ou as paredes ganhariam, hoje ela já completa 8 anos e meio, e continua caminhando, descobriu que os pés precisavam continuar eram suas asas.

Todo o tempo seu corpo era atravessado por seus companheiros de curso, a relação de chegada com alguns foi acolhedora com outros solitária, esteve em turmas que abraçaram e em outras que não lhe sorriram. Viu colegas a chorar, dormir, superar, adoecer, desistir, mudar, esvaziar, encontrar, perder. Descobriu outras formas de olhar para o corpo ao perceber seus companheiros de classe exaustos, temerosos, com as aulas e provas, diante das múltiplas anatomias; fisiologias; bioquímicas; patologias; terapia

⁷ CASTRO, Eliane; LIMA, Elizabeth; BRUNELLO, Maria Inês. Terapia Ocupacional no Brasil. Fundamentos e perspectivas- *Atividades Humanas e Terapia Ocupacional*. São Paulo: Plexus, 2001

ocupacional e seus muitos contextos. Em meio aos corredores e salas observava o medo de não saber, o medo de não conseguir, o medo de não acabar, a falta de coragem em viver.

Viu uma colega falecer, pouco tempo depois de ter dividido com ela madrugadas de organização de trabalho tenso; foi ao enterro, quis ver aquele corpo deitado, tão jovem, encerrar uma caminhada. Seu corpo foi afetado pela finitude, pela morte, e escreveu Luciana em alguma parte dele.

Por vezes, agradecia não precisar ter frequência no espaço mais morto do Centro de Ciências da Saúde. Havia outros espaços mortos, mas o Anatômico era a figuração deste corpo; o reingresso a livrou de estar nessas aulas, contou duas vezes sua presença em tal lugar durante seus três anos e meio de curso. Ver aqueles corpos mutilados em prol da ciência sempre a fazia pensar na história daquele homem e mulher, se pudessem dizer algo sobre si o que diriam, ou como reagiriam, ficariam felizes ou horrorizados. Preferia não pensar nisso quando estava em aula, olhava aqueles corpos como objetos de estudo, sofria menos.

Em uma tarde de verão, revisitando as pastas onde guardava o material que vinha juntando a respeito do curso, percebeu o volume de conteúdos densos em conceitos técnicos que iam dos tecidos nervosos e peculiaridades do aspecto funcional do corpo humano, a conteúdos carregados de experiências de terapeutas ocupacionais diante dos mais variados temas, Inclusão Escolar, Contexto Hospitalar, Neonatologia, Reabilitações em diversos níveis.

Em meio a tanto material encontrou Paulo Freire e o seu livro: A Pedagogia do Oprimido, lido em uma das disciplinas, seus olhos foram apanhados por uma das questões do livro tão presente naquela formação, a humanização; sobre esta ele diz: É a luta pela desalienação, pela afirmação do homem como pessoa.

Humanização, outro ponto que a intrigava. Muitas vezes no curso passou por esta questão, neste ponto lembrou da disciplina de Psicologia, onde chegaram a ler o documento Humaniza-SUS e discutir o mesmo. Leu o que escreveu, na época, e percebeu o quanto isto a inquietava, hoje ainda se pergunta: seria a Humanização uma ação pelo Humano? Estamos perdendo a

capacidade de nos colocarmos enquanto Seres Humanos? Este pensamento a assustou. Viu que seu corpo no curso de Terapia Ocupacional tinha a marca da humanização como uma grande interrogação. Era-lhe caro pensar no humano e suspeitar que de alguma forma estivéssemos perdidos em meio ao cientificismo, que por vezes, descategoriza os sujeitos.

Passaram-se os meses e viu-se na disciplina de Saúde Mental, que quis fazer desde o início do curso, mas precisou esperar um ano e meio para então, por dias semanais, ouvir ensinamentos sobre o inexplicável. Começaram com um texto chamado: O que é a Loucura? De Frayse-Pereira⁸, o autor fazia menção às perspectivas teóricas e expunha duas linhas de pensamento a Organicista (funcionamento fisiológico) e a Psicofuncional (harmonia das funções psíquicas) considerando que ambas as visões cometem erros ao tentar separar o que é relacional. Lembrou da Humanização, pois, lhe parecia que estaríamos sempre em um movimento de dividir o corpo, a parte orgânica, a psíquica, a humana, a científica e tantas outras que nos colocavam de frente com as dicotomias e muitas vezes, fora de nossa morada, o corpo, o que somos.

Estava na disciplina de seus sonhos, aquela que em seu imaginário traria o eixo para a entrada no curso e a faria encontrar o sentido pelo qual havia feito o reingresso. Porém, não foi bem assim. Aprendeu muito, tinha uma infinidade de textos e conteúdos, mas não sabia responder onde perdeu o fio das conexões, talvez porque no meio de tanta informação não tenha havido espaço para suas relações ou havia se tornado um corpo dócil, como diz Foucault, bem treinado a aprender, responder questões, conquistar aprovação. Viu-se como um corpo pouco propositivo, inconformado, mas cansado.

Lembrou-se que no mesmo texto citado acima: O que é a Loucura; o autor defendia a loucura como uma problemática relacional porque, segundo ele o indivíduo é doente sempre em relação aos outros, ou seja, designa-se louco, o indivíduo cuja maneira de ser é relativa a uma outra maneira de ser que é considerada normal. Assim será sempre em relação a uma ordem de normalidade, racionalidade ou saúde que se terá a concepção da loucura.

⁸ FRAYZE-PEREIRA, João A. O que é Loucura. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984

Imaginava isto, antes de ter os embasamentos tão claros. O trabalho de dança que nunca lhe fugia da memória e a havia levado a terapia ocupacional, retratava exatamente isto e trazia em seu cerne as questões da normalidade. Porque ele não dançou nesta disciplina? Percebia Professoras incríveis ensinando Terapia Ocupacional, por que não ser Terapeuta Ocupacional ensinando? Não estava de forma alguma criticando, a tentativa era construir um quebra cabeças, no qual percebia seu corpo e, por vezes, o sentia em partes, em um curso que prima pelo *sujeito como todo*.

Perdeu a linha cronológica dos fatos e começou a narrá-los como lhes vinham à memória, como uma cartografia dos afetos no corpo. E de súbito lembrou: Análise de Atividades, Avaliação, o fazer humano a afetou com força nessas disciplinas e começou a pensar: Perdi o fio que me ligou a este curso ou estou enredando uma colcha com o mesmo? Tinha dificuldades de ver as conexões, as teorias pareciam não ter movimento, mas será que estavam se ampliando?

Olhar o fazer humano, pensar atividades que façam parte do contexto do indivíduo, que signifiquem e que até re-signifiquem mediante ao que o sujeito pode estar a vivenciar. Junto à turma viu algumas formas de configurar propostas, maneiras de avaliar os desempenhos ocupacionais, as atividades de vida diária e ficou diante a algo que ainda hoje não sabe digerir: a teoria embasa, dá o suporte, mas não deve engessar. É comum ver profissionais presos a formulários, bons instrumentalistas e pouco vestidos de possibilidades, o poder ser isto e/ou aquilo.

Estudou as disciplinas de Análise e Avaliação com uma professora que, além do teórico deixou no seu corpo a marca do Contexto. Isto mais tarde, ampliou o conceito de Promoção da Saúde, de Qualidade de Vida, e de que o Terapeuta Ocupacional não é detentor de respostas mas é um construtor, edifica junto à sua clientela. Em uma de suas anotações das aulas de Avaliação ela encontrou: “A imaginação é mais importante que o acontecimento – Albert Einstein. O conhecimento, muitas vezes, é uma barreira, é pela imaginação que se inicia a investigação, podemos ser limitados pelo conhecimento por nos confortar nele”.

Percebeu seu corpo doente. Começou a notar um processo que se

repetia, a cada semestre adoecia, febres, infecções, enxaquecas, dores no estômago, nunca foi de ficar tão doente. Lembrou de uma frase, citada por uma de suas professoras na dança ao falar de Nietzsche, “adoecemos para nos encontrar”. Estava diante de um corpo doente que em meio a sua realidade de estudante gritava por encontro. Viu-se surda, de 8:00 as 17:00 dentro de um espaço nublado, frente a aulas de quatro horas de slides sem fim, sentiu seu corpo reduzido a um automatismo e desejo de corrida até o fim; pensava: “que este curso acabe logo”. Parou de olhar-se, engordou, refletia menos, objetivou-se.

Gerontologia, passou horas de slides se imaginando senhora, precisando das regras da ABNT para realizar atividades com autonomia e que fossem da ordem dos seus desejos, pensava nas realidades dos senhores usuários do SUS, demanda majoritária das classes menos favorecidas, com casas que se tem escada ou rampa, o imperativo é adaptar-se. O Social gritava aos ouvidos, o ideal frustrava o real em muitas esferas. Percebeu essa dualidade em muitas teorias.

Nesta mesma disciplina foi levada a ver alguns filmes, um recurso que quando usado, em muito dinamizava o ensino, sentia prazer sobre as pressões de entregas de relatórios e resenhas. Uma destas, foi sobre o filme: Aurora Boreal- Encontro com a vida. Revistando seus papéis da matéria releu este trabalho e lá encontrou: “... o filme coloca o idoso em papel central e de importância que se sobrepõe a quaisquer condições que este possa estar, faz com que o dito pelo idoso tenha valor mesmo que o raciocínio seja envolvido por certo delírio, há experiência, história vivida na pele, vista não apenas em suas rugas, mas no processo de vida que o permitiu chegar até tal fase da existência”.

Todo trecho citado, estava grifado pela professora que no final escreve: “Adorei a resenha! Demonstrou atenção as sutilezas do filme, um olhar muito próprio e necessário ao Terapeuta Ocupacional!” Demorou-se neste trecho e leu novamente: “um olhar necessário ao Terapeuta Ocupacional”, não era a felicitação que a tocará, embora fosse muito bom ser reconhecida, mas era o olhar que movia seu corpo; o olhar do terapeuta que escuta, percebe e constrói. Talvez o fio estivesse sendo tecido de forma que não percebia.

Aquela tarde de verão, anoiteceu. Seu quarto era folhas em cada canto, e ela adormeceu, sonhou com uma árvore e muitas folhas verdes, prontas para abrigarem frutos, um caule robusto sobre raízes profundas, um suporte de chão que permitia o crescer para o céu. Acordou alimentada de esperança, viu-se em um processo de ser folha que lhe faria em breve frutificar.

Naquela manhã tomou um bom café e retomou o olhar para as pastas de material; um ramallete da disciplina de psicologia saltou lhe as mãos, era seu segundo ano no curso, precisava copiar todo o conteúdo dos slides, o professor não passava o material e soavam os comentários que o mesmo cobrava nas avaliações exatamente o que continha no material projetado. O professor orientava os alunos a copiar e dava certos minutos para tal tarefa universitária. Isto estava muito impresso nela, no mapa de suas mãos. Em um dos conteúdos copiados encontrou: Imagem Corporal (IC). A IC é a representação psíquica que o indivíduo tem do próprio corpo e que envolve aspectos fisiológicos, psicológicos e sociais. A IC muda constantemente é composta por uma multiplicidade de imagens. Seu corpo tinha a imagem de uma mão cansada naqueles dias.

Percebeu seu corpo ao longo do curso se configurar em muitas imagens, hoje a imagem que vê é a de um emaranhado. O caminho que a trouxera à Terapia Ocupacional não enfraqueceu se modificou e talvez tenha ampliado.

Começou a lembrar-se, à medida que mexia em suas coisas, o quanto havia sido instigada a criar, organizar, se superar, era péssima em atividades manuais e de confecções artesanais, ou seja, gerar um produto, como os que aprendeu em Tecnologia Assistiva, uma disciplina prática teórica, com muitas pressões, devido a prazos, mas que estabeleceu no seu corpo boas relações entre a mobilidade do que se lê e do que se confecciona enquanto conhecimento. Em muitos aspectos remetia à disciplina de Educação Inclusiva, esta foi uma das primeiras disciplinas que cursou, lembrou da professora em questão dizer: “Você é da dança? Que bom! Precisamos de alunos da dança na terapia ocupacional!” Na época não entendia o porquê, mas o que ouviu animou a chegada.

Nas aulas, faziam adaptações em conteúdos educacionais, pensavam estratégias para dinamizar o ensino e viabilizá-lo as diferentes condições que

os estudantes pudessem apresentar, desde altas habilidades à surdez e tantos outros. Cada intervenção que propunha era convidada a pensar no: “Mas será que...” E com isto ampliava seu repertório de possibilidades. Viu companheiros irritados, porque as respostas não eram exatas, tinham que descobri-las e inventá-las. A ela chegava como desafio, era o convite para pensar junto. Lembrou como seu corpo sentia-se bem disposto em tais aulas, era propositivo.

Em Tecnologia Assistiva não foi diferente, muitas criações e matérias, eram estudos sobre órteses, cadeiras de rodas, as medidas, os padrões, o observar dos corpos que usariam tais adaptações para ampliar suas funcionalidades; aprendemos a avaliar contextos, olhar com cuidado as partes do corpo. Confeccionar uma órtese, não é apenas usar termo moldável e moldes, quantas minúcias tem uma mão, não só em sua parte funcional, mas em história, são pregas de uma vida.

Recordou da aula de confecção de Palmilha, a professora convidada em meio aos muitos ensinamentos de como riscar, cortar, falou: O Pisar é tudo! Se você não tem uma boa base, não tem nada!”Ela ouvia exatamente isto nas aulas de dança, falavam de pés raiz, aqueles que estão bem plantados. Os pés narram uma trajetória, eles não podem ser apenas retratos de incapacidades, fácil é cair nesta armadilha ao olhar pés todos os dias e moldar palmilhas.

Em todos estes processos, começou a lembrar de seu envolvimento em dois fazeres que em muito lhe deram suporte. O Laboratório de Arte Educação/UFRJ ao da UFRJ.⁹ Foi alimentada por este espaço que nutria os pensamentos sobre o corpo e a colocava em movimento, participando como monitora da disciplina de Introdução ao Estudo da Corporeidade, estando como bolsista de extensão e organizando eventos, um deles a Feira Poética.

Neste evento, dançou no CCS (Centro de Ciências da Saúde), onde estudava, foi libertador, era uma tarde fresca de novembro, naquela arena semi circular, desabitada, por tantos dias apenas um local de passagem e recosto de alunos cansados. Naquele dia tinha, foi diferente, a arena tinha olhos, rodou,

⁹ O Laboratório de Arte Educação, fundado em 1997 é vinculado ao Departamento de Arte Corporal da Escola de Educação Física e Desportos e coordenado pela Professora Maria Ignez Calfa.

sacudiu, ajoelhou, estendeu, deitou, se molhou, caminhou, no instante era um corpo em luta, ela carregava um véu, pisou forte naquele chão porque conhecia sua aridez e sua sede por leveza e por novas formas de ensinar o cuidado, nos muitos cursos que abrigava. Enquanto dançava sentiu que seu corpo terra, era regado.

O segundo fazer que lembrara foi ter entrado na *CIA Gente*¹⁰. O curso de T.O começou a bailar com o de Dança, o trabalho se chamava: Elementos Disponíveis para outras Composições, dançaram no RJ e em SP, no elenco a diversidade dos interpretes era uma marca: autista, deficiente físico, dançarinos das mais variadas formas; além de cadeiras de rodas, skate, carrinho de controle remoto, pneu, bola de basquete, cajón, bolinha de sabão. Uma infinidade de possibilidades disponíveis para brincarmos; em uma das cenas ela voava em uma cadeira de rodas que se transformava em asa deltas. Muitos parceiros de cena iam encontrando dificuldades para serem junto a todos os elementos, principalmente a cadeira de rodas; percebeu: A terapia ocupacional somada à dança havia expandido seu olhar.

Bons professores passaram por ela, agradecia a eles, pois, em meio ao seus processos de ser isto e querer aquilo, foi surpreendida com novas maneiras de poder ser.

Algumas lembranças a respeito de suas experiências com o mundo tecnológico, a fizeram sorrir. Por vezes, se sentia desafiada, pouco sabia sobre aplicativos, sistemas operacionais, touch, IPed, Tablet, e tantos outros. Teve necessidade de ser um corpo mais antenado em relação a tais conhecimentos e ir além. Fez um processo seletivo, para o Laboratório de Tecnologia Assistiva, passou e lançou se no risco.

O Laboratório era uma marca em seu corpo de descobrimento, de técnica, e neste ponto lembrou-se de Heidegger (filósofo Alemão) que apresenta a técnica como um descobrimento¹¹. Em alguns trechos,

¹⁰ A Cia Gente é dirigida por Paulo Azevedo e se configura como um movimento de articulação entre artistas, educadores, gestores, profissionais de distintas áreas

¹¹ HEIDEGGER, Martin. Ensaios e Conferencias- *A questão da técnica*. Petropolis, RJ: Vozes, 2001

Heidegger, fala sobre o véu fazendo referência ao que esta sempre se desvelando, ou seja, à medida que tiram se os véus há sempre mais a se revelar e se mostrar, pensar técnica como desencobrimento é vê-la não como mero meio para um fim, mas como aquilo que revela parte de nós mesmos sendo possibilidade.

Andar mais próximo à professora responsável pelo Laboratório havia ampliado os espaços de seu corpo em ação, um fazer que desconhecia em Terapia Ocupacional e que sentia não poder formar-se sem conhecer de perto; ao envolver se nisto outras partes dela se revelaram. O corpo tecnológico lhe pareceu bem vindo, mas percebia ser preciso cuidado para não viver mergulhada apenas nesta esfera, era mais uma faceta de todo o conjunto.

À medida que aquela manhã ganhava a tarde, impressionava-se com a quantidade de folhas que não parava de revirar e sentia a sensação das salas do subsolo, de tardes inteiras dedicadas a uma escuta, é como se ela pudesse novamente estar ali sentada na sala, acreditando que todos aqueles músculos, articulações, sistemas a levariam a um tesouro.

Por vezes, tentou dinamizar este processo, quando havia espaço. Encontrou um Gibi que criara na aula de bioquímica para falar das sinapses e neurotransmissores no processo da depressão, pintou mais de dez deles a mão. E o que dizer da avaliação em forma de teatro em saúde mental? Teve que estudar para encenar, seguindo o método do teatro do oprimido, foram dias de colegas em pânico. Uma avaliação memorável, um corpo carregado de improvisos.

Outra avaliação que destacaria foi a de antropologia, o professor deu uma folha com frases sobre os conteúdos trabalhados na disciplina, abaixo de cada frase precisavam-se escrever as três primeiras palavras que viesse a memória. Com o que recebeu de cada estudante, o professor criou uma nuvem de palavras querendo mostrar o quanto haviam aprendido sem perceber. Fez uma pequena discussão sobre tais palavras e esta foi a prova, um corpo cheio de leveza e aprendizagem levantou-se daquela cadeira. Naquele dia atentou-se de que, na prática, existiam outras formas.

Ainda haviam disciplinas que reluziam quando olhava o caminho percorrido: Contexto Hospitalar em Terapia Ocupacional. Ao chegar, a

disciplina encontrou seu corpo marcado pelo cansaço; era como estava quando iniciou, sem forças para o curso, prestes a desistir. Ao ler a ementa percebeu que quase metade da disciplina seria com visitas, de alguma forma isto a animou, foi a dois hospitais: INCA (Instituto Nacional do Câncer) e IFF (Instituto Fernandes Figueira). Ela não sabia bem narrar o que acontecia, mas ao ouvir aquelas terapeutas, estar naqueles espaços, sentia seu corpo vibrar, uma sensação de direção a preencheu, foi como se um tampão saísse dos seus pulmões e voltasse a respirar.

Logo, o estágio bateu lhe à porta e ela sabia para onde devia ir, o IFF¹²; nas visitas da disciplina de Contextos Hospitalares, quando entrevistava a terapeuta ocupacional do serviço, esta lhe disse: “Você ainda vai descobrir muitas pontes entre a T.O e a Dança”. Era tudo que estava querendo descobrir e sentia que cada vez se perdia mais em tal busca. Por vezes, no estágio, a ouviu tentando lhe ajudar a fazer os links, até um de seus últimos encontros quando atendeu dois bebês na UI (Unidade Intensiva) e a mesma lhe disse: “Você percebeu a atividade corporal que estava fazendo ali?”, ela não tinha percebido, mas ficou ouvindo aquela pergunta enquanto caminhava para casa, e como se um clique lhe viesse à mente, começou a fazer suas conexões.

Tudo que ela tinha daqueles bebês era o olhar, era este o fio que os ligava e que lhe impulsionava a propor uma música, uma maneira de apresentar o brinquedo, de envolver seu corpo naquela brincadeira, era o instante moldando as relações de espaço e tempo, imediatamente lembrou de um autor, Capra¹³ que relata: para os orientais tempo e espaço são movimento, e conta: “Eu estava sentado na praia, ao cair de uma tarde de verão, e observava o movimento das ondas, sentindo ao mesmo tempo o ritmo de minha própria respiração. Nesse momento apercebi-me intensamente do ambiente que me cercava: este se me afigurava como se participasse de uma

¹² IFF: Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira foi fundado em 1924, é uma unidade de assistência, ensino, pesquisa e desenvolvimento tecnológico da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Reconhecido como hospital de ensino e como Centro Nacional de referência pelo Ministério da Saúde e pelo Ministério da Educação

¹³ CAPRA, Fritjof. O Tao da Física uma exploração dos paralelos entre a física moderna e o misticismo oriental. 1975, p.17

gigantesca dança cósmica.”

Começou a pensar quantas vezes não esteve em dança naqueles espaços do hospital interagido com os corpos mais variados, a imagem da dança Butoh lhe veio a mente, dança que surge no Japão e que carrega as essências do homem nos seus mais minuciosos gestos, recordou-se de uma fala do Kazuo Ohno, um dos percussores de tal dança, na qual conseguia em muito ver a Terapia Ocupacional e a Dança ao proporcionar um toque de alegria na menor das ações : *"Os homens vivem com a consciência de que morrerão, no entanto esperam ter uma vida eterna. A eternidade é um dos argumentos principais do Butô. Ela cabe no instante, e esta consciência serve para ultrapassar as barreiras do corpo. A morte é inevitável, não podemos viver sem olhá-la. Não podemos fechar os olhos, mas podemos torná-la alegre"*. Um corpo cheio de possibilidades começou a esticar-se; o primeiro estágio deixou em seu corpo um olhar que escuta pelos poros da pele.

No percurso ainda haviam luzes piscando que ela queria revisitar. A T.O Social, quando abriu esta porta percebeu o que de fato enreda o humano, o social; lembrou de uma professora, que sobre o social escreve: “O Social só se dará como social na medida em que for possível pensá-lo como amar, porque social e amar se constroem na doação e no cuidado com o outro. Melhor: O social só se dará como social na medida em que for efetivamente político, não o fazer político com o qual temos nos deparado no decurso da história, isto é, pautado no individualismo, mas o político como a busca pelo bem coletivo e felicidade na polis. Como bem nos lembra Nietzsche: Nenhum rio é por si mesmo grande e abundante; é o fato de receber e levar outros afluentes que o torna assim”¹⁴.

Esta disciplina, lhe apresentou, o T.O engajado no que a citação mostrava como social, e mais uma vez percebia a marca do olhar que escuta o outro. Estudar questões como violência, territórios, institucionalizações, estatutos, para ela, era entender o humano que habita espaços e é atravessado por estes; era avaliar fatores ambientais e pessoais e chegar nos

¹⁴GUIDA, Angela. Convite ao Pensar- *Social*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2014.

fatores contextuais.

Vivenciou visitas, depoimentos, e foi percebendo o quanto uma terapia ocupacional que não pensa o social trabalha com disfunções, deficiências, mas não lida com o humano. Lembrou do professor Manuel Antonio de Castro que diz: “o social é o humano sendo levado à realização plena de suas possibilidades na união e reunião de todos, em suas diferenças”. É neste contexto que enxergava as mãos dadas da arte com a terapia ocupacional, promovendo sociedade.

Já às portas do anoitecer, chegava ao fim das folhas, e foi surpreendida com o início, Laboratório A, uma professora com olhos que a constrangeram em muitos momentos, a disciplina, que por vezes no curso, trazia a memória para energizar-lhe. Reviu seu caderno e percebeu um diário, era dos sentidos do corpo que a professora tratava, elaboraram um café da manhã, visitas a espaços culturais, um conjunto de atividades para aflorar as sensações do corpo.

Uma das anotações do seu caderno dizia: “O exercício deste semestre é tentar falar sobre o que experimentamos. A experiência sensorial é difícil de traduzir em palavras, o amargo é uma sensação que só os nossos sentidos traduzem” Segundo a professora eram os sentidos que estavam sendo treinados para a observação clínica. Começou a perceber um corpo circular e no fim do curso via-se voltando ao início.

Junto com sua turma foi desafiada a montar, ao final da disciplina, uma Bolsa do Terapeuta Ocupacional; depois de todo o vivido, o que ela carregaria na sua bolsa de trabalho? Lembrou-se da emoção de construir a bolsa, quanto corpo habitava ali. Encontrou mais anotações da aula: “Não tem como ser terapeuta ocupacional sem se auto observar, preciso me observar para me ver no outro”.

Tirar tempo para mergulhar em todo aquele material, era cartografar-se, e neste processo do fim de um curso, fazia o ensinamento lido rico de sentidos, olhar seu corpo podia levá-la a olhar além de seu corpo. Começou a imaginar-se terapeuta ocupacional e um aspecto que sabia não poder deixar fora de sua bagagem era o olhar, que pouco tinha a haver com os olhos, mas com os sentidos, ver com o corpo inteiro.

Difícil era juntar todas as folhas, guardá-las e dormir com tantas memórias dançando em cada parte de si. Deitou sobre uma folha e deixou sua mãe contornar seu corpo, resolveu fazer um mapa de si neste percurso.

Parecia ter aberto uma tampa e não cessavam de jorrar as águas, muitas outras disciplinas vinham lhe acenar, quanto compartilhar nas disciplinas de Estágio Supervisionado, medos, desejos, inquietações, contribuições de um para o outro. Se tinha dúvidas quanto a ser Terapeuta Ocupacional este processo lhe colocou à prova e fez ver que o curso a formou, não lhe colocando numa fôrma mas apresentando formas que ela insistia em buscar.

Nesta caminhada, por um instante cessou os passos, e adormeceu descobrindo do que era feita sua busca ao ouvir a Maria Ignez: “ao retratar o humano no corpo enquanto ser no mundo, com este olhar, pretendemos focalizar sua dimensão poética que se dá na abertura para a escuta, pois, esta leva o corpo em sua vigência à procura, e na pro-cura à cura, onde é chamado ao cuidar-se”¹⁵.

Entrou querendo fazer conexões, procurando respostas e começou a sonhar com uma terapia ocupacional que pode dançar e em saúde ser arte, enquanto mapeia histórias, e apresenta terapeutas ocupacionais como verdadeiros cartógrafos do corpo e assim o sonho tornou-se uma monografia.

¹⁵ CALFA, 2010, pg. 113

7. DISCUSSÃO - Análises possíveis: diálogos com o corpo, entre pistas e rastros.

Para analisar os aspectos do corpo no diário em questão foram criadas categorias que não tem o intuito de partir o corpo, mas de evidenciar experiência. Entendemos o corpo como totalidade, por isso, antes de pensar os vários aspectos, suscitados pelo diário, fez-se necessário discorrer sobre o corpo e a corporeidade que nos convida a um pensar sobre a possibilidade de entender nosso corpo enquanto nossa morada.

É tempo que o homem cultive o germe da sua mais elevada esperança.

O seu solo é ainda bastante rico, mas será pobre, e nele já não poderá medrar nenhuma árvore alta.

Ai, aproxima-se o tempo em que o homem já não lançará para além do homem a seta do seu ardente desejo, e em que as cordas do seu arco já não poderão vibrar.

Eu vo-lo digo: é preciso ter um caos dentro de si para dar à luz uma estrela dançarina. Eu vo-lo digo: tendes ainda um caos dentro de si.

Ai! Aproxima-se o tempo em que o homem já não dará luz a estrelas; aproxima-se o tempo do mais desprezível dos homens, do que já se não pode desprezar a si mesmo (NIETZSCHE, 2007,p.29)

Início com falas de Zaratustra, pois, ao narrar as folhas verdes de uma estudante a Terapia Ocupacional, é possível ser embalado pelo som desses versos. Cartografar um corpo é cultivar o germe da esperança na sutileza de cada parte; é abrir-se a possibilidade de olhar o solo rico antes que este seja pobre; é escutar o desejo antes que este se cale; é colocar-se para além e lançar-se; é abrigar-se ao caos, a ebulição da vida; é parir uma estrela dançarina, o movimento do eterno nascer para a vida; é não desprezar a si mesmo e então ver-se corpo.

Melhor podemos entender o ser corpo ao ouvirmos (PONTY, 1994, p.269): “Mas eu não estou diante do meu corpo, estou no meu corpo, ou antes sou o meu corpo”. E melhor o absorvemos ao ler (CALFA, 2014, p.47): “O que vem a presença e aparece a partir de si mesmo é corpo. Quantos corpos

cabem em um corpo! Corpo é tudo e em tudo que percebemos a cada instante, seja fora de nós, seja dentro de nós. Tudo o que for será em nosso corpo *corpo*.”

Este pertencer ao corpo mais se confirma quando Nietzsche nos apresenta o termo *Si-Mesmo*, como visto na citação acima e melhor compreendemos ao ler: “Por detrás dos teus pensamentos e sentimentos, meu irmão, há um senhor mais poderoso, um guia desconhecido. Chama-se *Si-mesmo*. Habita no teu corpo; é o teu corpo. Há mais razões no teu corpo do que na tua melhor sabedoria.” (NIETZSCHE, 2007, p.44)

É no exercício de escutar o *Em Si* de cada Ser, que podemos caminhar para o diálogo, o encontro com os diversos que nos atravessam na prática da terapia ocupacional. O que seriam as ocupações senão os mais variados aspectos do corpo desafiando a nossa frente; como lidar com as importâncias de cada corpo por uma via do cuidado que não limite mas que amplie as ações do ser humano em potencia? Entendo a falta de receitas para esta questão e percebo a necessidade emergente de terapeutas ocupacionais que ao cartografarem corpos o fazem porque habitam em seu próprio, e nele experimentam multiplicidade de corpos possíveis.

Este foi o desafio lançado por esta monografia, a história narrada é a minha própria, cartografei meu corpo atravessado pelo curso de terapia ocupacional, uma trajetória vivida que foi preciso ser olhada para que pudesse se tornar um habitar, para que enfim a terapia ocupacional fosse corpo e não conhecimento agregado ou profissão conquistada, re-experimentar minha trajetória é assim, ao mesmo tempo redenção e ampliação. A terapia ocupacional volta a dançar em mim, ser arte, ou seja, processo de criação, enquanto seres humanos estamos sempre nos recriando e isto nos faz filhos diretos da arte.

Arte é criação constante de novas formas de estar no mundo, de recriar sua existência, sua vida de outras maneiras. Arte é criação constante de si... todo fazer opera mudanças no corpo, mas temos que possibilitar que estas mudanças sejam significativas e levem os sujeitos a novas realidades que intensifiquem suas vidas. Se isso ocorrer, produzimos a vida como obra de arte, a existência como criação (ALMEIDA, 2004, p.5)

À medida que as linhas de minha cartografia eram escritas a Terapia Ocupacional ganhava mais força em cada parte do meu corpo, e ficava mais claro: É preciso olhar-se para olhar.

Neste contexto, permeado do olhar para si, do entender-se enquanto corpo é que a corporeidade se apresenta, pois, em muito agrega ao nos convidar para um olhar integral, ou seja, ver o corpo como todo, baseada em Merleau Ponty:

A solução de todos os problemas de transcendência se encontra na espessura do presente,..., em que encontramos nossa corporeidade,..., quer dizer, o ponto de desencadeamento das “explicações” naquilo que elas têm de legítimo e ao mesmo tempo o fundamental de nossa liberdade (MERLEAU-PONTY; Maurice, 1994, p.580)

É à luz da corporeidade que pensaremos o corpo, e suas múltiplas possibilidades de ser, pois, é por meio dela que podemos compreender a diversidade que habita na unidade o que melhor compreendemos nos estudos de CALFA:

A corporeidade não é algo pronto e acabado, é o agir; então, ao tratá-la como questão e não como conceito, desejamos que o corpo não seja homogeneizado e capturado por um sistema universal, ao contrário, seja o lugar onde quebramos o hábito fortalecido pela rigidez dos costumes, e alteramos certas posturas, desconstruindo uma região de conforto. (CALFA; Maria Ignez, 2010, p.47) .

A corporeidade nos leva ao que Nietzsche (2007, p.29), chama de caos, que segundo Leão (2010) é o principio da possibilidade de tudo, pois, ficamos frente ao que borbulha em nós e mergulhamos acreditando que frente ao olhar de si está a chave para o olhar ao outro. Isto pode ser enfraquecido diante de uma era de sons, que ensurdecem a voz do corpo e por vezes, nos fazem deparar com o corpo próprio perdido no que vê e toca.

Presenciamos a ciência tentando interpretar, por meio de tantas análises, o humano, que só é interpretável por si mesmo. Entendendo aqui o

Interpretar pelo seu prefixo *inter* que nos leva ao *entre*, ou seja, colocar-se entre nós mesmos, entre as coisas.

É deste corpo próprio que trata a corporeidade, sim o corpo já nos é próprio, mas ensurdecemos, e por vezes, precisamos reafirmar esta propriedade e nos assentarmos no espaço que ocupamos, então, o que ocupo? O meu corpo, eu diria e Merleau Ponty (1994, p.268) explicaria: “a tradição cartesiana e kantiana esclarece a percepção do objeto pela percepção do espaço,..., a experiência do corpo próprio nos ensina a enraizar o espaço na existência”. Podemos nos certificar que nunca estamos fora deste corpo, é nosso espaço, onde estão nossas raízes.

Neste ponto desconfio, não seriam as doenças geradas por este lugar de desconforto na ocupação desse meu corpo, onde não estou ocupando bem o meu espaço? O enfraquecimento da unidade, do uno homem, faz-me perder o lugar do cuidado, este é estar em si mesmo. Os fatores que estão ao nosso entorno como os: tecnológicos, políticos, econômicos, dentre outros, podem ensurdecê-lo, mas o corpo nunca vai deixar de ser, posso perder o vigor da escuta, por toda uma mecanização, um afastamento desse lugar, mas o corpo não deixa de ser próprio.

A prática do cuidado não opera por meio de um corpo descuidado. Em um curso onde esta palavra tem tamanha força, faz-se necessário pensar sobre ela e neste ponto destaco o mito¹⁶, ontologicamente este carrega a força do humano enquanto essência e nos vale a escuta:

O mito da cura, nos foi redigido por Higino, escravo egípcio de César Augusto. Morreu no ano 10 de nossa era. Diz o mito: “Certa vez, atravessando um rio, Cuidado viu um pedaço de terra argilosa: cogitando, tomou um pedaço e começou a lhe dar forma. Enquanto refletia sobre o que criara, interveio Júpiter [Zeus]. Cuidado pediu-lhe que desse espírito à forma da argila, o que ele fez de bom grado. Quando, porém, Cuidado quis dar um nome a criatura que havia moldado, Júpiter o proibiu. Exigiu que fosse dado o seu nome. Enquanto Cuidado e Júpiter disputavam sobre o nome, surgiu também a terra, querendo dar o seu nome, uma vez que havia fornecido um

¹⁶ Mito- Neste texto ao fazer leitura do mito, partimos dos estudos da Poética. Sendo assim segundo CASTRO (2011), “temos de ter cuidado em não fazer do mito uma simples dimensão do físico, do psicológico ou do religioso, mas, sim lê-lo e apreendê-lo na sua dimensão mítica: o ontológico-poético, porque o mito não explica nada, enuncia, manifesta”.

pedaço do seu corpo. Os disputantes tomaram Saturno[cronos/tempo] como árbitro. Este tomou a seguinte decisão que pareceu equitativa: “ Tú, Júpiter, por teres dado o espírito, deves receber na morte o espírito, e tu, terra, por teres dado o corpo, deves receber o corpo. Como, porém, foi Cuidado que primeiro o formou, ficará sob seus cuidados enquanto ele viver. Como, no entanto, sobre o nome há disputa ele deve se chamar Homem, pois foi feito de “húmus” (terra fértil). (CASTRO, 2011, p.25)

Enquanto terapeutas ocupacionais, assumimos o Cuidado enquanto ação, e percebemos pelo mito que Cuidado e Cura estão intrinsecamente ligados, mais além podemos ir e buscar a origem da palavra cuidado que em latim se diz: Cura. Evidencia-se com maior força nosso campo de abrangência. Enquanto terapeutas estamos a procura de melhores formas de agir em cuidado. Neste ponto, nos vale pensar o que diz CASTRO (2011, p.30): “Toda pro-CURA é uma manifestação da “cura”, do Cuidado... a cura de toda pro-cura nos põe frente a frente com o tu e com o que desde já sempre fomos em vista de nos apropriarmos do que nos é próprio. Cura é apropriar-se do que é próprio”

Cada vez que pensamos nossa prática, estamos mergulhados na procura e isto nos põe frente ao que é próprio em nós, o corpo. Reafirmo toda prática de cuidado precisa passar pelo cuidar-se para que então o cuidado afirme-se enquanto ação no outro, pois em primeira instancia operou no *Em Si Mesmo*.

Ao me pro-curar em cada folha guardada, ao revisitar o vivido, encontrei a cura, o cuidado, a terapia ocupacional nas mais variadas partes de meu corpo e pude construir um mapa deste pertencimento, na composição criada.

Enquanto filhos da arte, vivemos processos de criação constantes e por vezes, não conseguimos nos debruçar sobre o vivido, para termos dimensão do que foi construído. Isto é a cartografia uma escrita(grafia) em forma de carta, que pode ser feita de muitas formas, cujo seu principio esta em ser corpo.

O corpo é uma grande razão em ponto, uma multiplicidade com um só sentido, uma guerra e uma paz, um rebanho e um pastor... O céu olha sereno; o mundo dilata-se profundamente;

homens singulares,..., vale apenas viver ao pé de mim”
(NIETZSCHE, 2007, p.23 e 255)

E foi ao pé de mim, ouvindo este corpo em atenção que a todo instante apercebia-me de movimento, mesmo quando parada, e logo, em dança o que de fato, todos nós sempre estamos. Destacaram-se, desta forma, as categorias, e neste ponto, a partir do recorrido, podemos mais claramente discutir alguns aspectos elencados mediante análise de trechos do diário que colocam em foco aspectos do corpo na formação em terapia ocupacional.

7.1 Análise: Aspectos do Corpo destacados no diário de bordo

Com cada um dos itens, algo se quer dizer sobre nuances do corpo no curso de terapia ocupacional, ou seja, sobre o processo de tornar-se um terapeuta ocupacional rico em compor conhecimento, relações, técnicas, estratégias e de por vezes, decompor contexto, vivências dos estudantes a ponto de lançá-los em um automatismo de auto esquecimento. O conjunto do vivido levou ao aprendizado maior do que seria a Terapia Ocupacional uma arte de olhar com o corpo inteiro.

Para melhor analisarmos separaremos trechos do diário que dinamizaram nossa discussão. Sendo assim, elencamos as categorias: Corpo-Refluxo (Corpo-Partido, Corpo-Sujeitado, Corpo-Parado) e Corpo-Influxo (Corpo-Experiência, Corpo-Inteiro, Corpo-Sensível, Corpo-Atravessado Pelo Outro, Corpo-Marcado). Desta forma, passaremos a olhá-las mais de perto.

7.1.1 Corpo-Refluxo

O Re-fluxo leva-nos a imagem do movimento da maré que se afasta da margem, ao retrocesso que nos faz refletir sobre o estado de distanciamento do corpo próprio. Para discutirmos este aspecto é com Foucault que conversaremos. Ele nos apresenta possibilidades para pensar a cerca dos muitos afastamentos que desmobilizam o corpo, tornando-o menos propositivos e assim, partido, sujeitado, paralisado.

A- Corpo-Partido

Em seu livro *Vigiar e Punir*, Foucault nos apresenta na primeira parte a descrição do corpo dos condenados. A história de suplício que abre o livro é de paralisar a respiração, enquanto acompanhamos o sofrimento vivenciado pelo condenado. Chama-nos a atenção o fato de por vezes o texto narrativo contar: “Ele levantava a cabeça e se olhava” (FOUCAULT, 1987, p.9). Aquele homem mesmo sendo mutilado, perdendo braços, pernas, olhava-se. Existia uma força, naquele olhar sobre si, que o movia a suplicar, por um deus, por um perdão, por seu corpo. Estar em partes nos faz perceber o que é ser inteiro e nos move a buscar este estado de integralidade.

Aos que desprezam o corpo quero dar o meu parecer. O que devem fazer não é mudar de preceito, mas simplesmente despir-se do seu próprio corpo e, por conseguinte, ficar mudos. Eu sou corpo e alma _ assim fala a criança. E por que se não há de falar como as crianças? Entretanto o que está desperto e atento diz: “Corpo eu sou integralmente, e nada mais...” (NIETZSCHE, 2007, p.43)

Podemos perceber este apelo por totalidade em muitos trechos destacados na Cartografia, e então ficamos frente à pergunta: seria este um processo vivenciado por outros colegas de curso? E ainda mais: seria este um processo vivido enquanto formação que dificultaria, posteriormente, a escuta e olhar para o outro? Ou será que uma terapia ocupacional que por vezes, parte o corpo, faz-nos técnicos em disfunções, deficiências, mas não amplia nosso olhar para o humano? Será mesmo que existe um corpo em partes na Terapia Ocupacional? Podemos destacar alguns trechos do diário que nos auxiliam na reflexão:

- Ver aqueles corpos mutilados em prol da ciência sempre a fazia pensar na história daquele homem e mulher...olhava aqueles corpos como objetos de estudo, sofria menos.

-parecia que estaríamos sempre em um movimento de dividir o corpo, a parte orgânica, a psíquica, a humana, a científica e tantas outras que nos colocavam de frente com as dicotomias e muitas vezes, fora de nossa morada, o corpo, o que somos.

- percebia seu corpo e por vezes, o sentia em partes, em um curso que prima pelo sujeito como todo.
- corpo reduzido a um automatismo...Parou de olhar-se, engordou.
- o quanto uma terapia ocupacional que não pensa o social trabalha com disfunções, deficiências, mas não lida com o humano.

Em suas muitas experiências no curso, percebemos no diário um corpo em pedaços, como se apenas um pedaço do todo tivesse importância em detrimento das situações, gerando um distanciamento de seus desejos, do vigor de sua existência, sentindo-se submisso e enxergando-se por apenas um ângulo servil, perdendo no caminho sua amplitude, anunciando sua sujeição.

B- Corpo-Sujeitado

Ao ler “Corpos Dóceis” de Foucault, percebemos o quão presente e próximo de nós está a formação disciplinar que cala os corpos, os domestica, e neste ponto não é apenas o curso em questão que é alvo de tal doutrina, estamos envoltos em um sistema educacional da *Arte das Distribuições*. Na pele sentimos a constituição de “quadros vivos” organizando as multiplicidades, “é ao mesmo tempo uma técnica de poder e um processo de saber”. Trata-se de organizar o múltiplo, de se obter um instrumento para percorrê-lo e dominá-lo; trata-se de impor uma “ordem” (FOUCAULT, 1987, p.121). E no diário lemos:

- dogma sobre o corpo sadio.
- perdidos em meio ao cientificismo, que por vezes, descategoriza os sujeitos.
- Estava diante de um corpo doente que, em meio à sua realidade de estudante, gritava por encontro. Viu-se surda.
- acreditando que todos aqueles músculos, articulações, sistemas a levariam a um tesouro.

Somos subjugados ao *Controle da Atividade*, o horário esta a nos gritar aos ouvidos, o tempo medido a nos apreender pelos pés, “o tempo penetra o corpo, e com ele todos os controles minucioso do poder”. E ainda mais submersos aprendemos as técnicas minuciosamente por horas a fio: “a disciplina define cada uma das relações que o corpo deve manter com o objeto que manipula. Ela estabelece cuidadosamente a engrenagem entre um e outro” (FOUCAULT, 1987, p.130). Encontramos no diário a declaração que anuncia:

- o corpo dela parecia obediente

Podemos sentir o abraço da *Composição das Forças* que nos aperta de tal forma a perdemos o ar. Nos tornamos uma grande massa, o corpo singular, próprio, torna-se invisível “sua coragem ou força não são mais as variáveis principais que o definem; mas...a regularidade, a boa ordem segundo as quais opera seus deslocamentos”.

- havia se tornado um corpo dócil, como diz Foucault, bem treinado a aprender, responder questões conquistar aprovação.

Sob esta ótica faz-se impossível perceber contextos e então “o tempo de uns deve-se ajustar ao tempo dos outros de maneira que possa extrair a máxima quantidade de forças de cada um e combiná-la em um resultado ótimo”. Neste formato estamos diante de um “sistema preciso de comando” onde sentimos escorrer nossos ímpetos e nos percebemos automáticos diante de cada tarefa “o aluno deverá apreender o código dos sinais e atender a cada um deles” (FOUCAULT, 1987, p.140).

O processo formata os corpos de tal forma, a ponto de serem preenchidos por imobilismo, o movimento que realizam pouco SE refere a um estado presente, mas os coloca inertes.

C- Corpo-Parado

O processo do Corpo Partido, com teorias muitas vezes deslocadas do real gera um Corpo Parado, no diário lemos:

- ...as teorias pareciam não ter movimento.

Observa-se isto, em muitas formações, mas esta constatação não pode congelar nosso olhar. As vivências no curso de Terapia Ocupacional, fez nos perceber que ao defender alguns aspectos da carreira como: Contexto de vida, Desempenhos Ocupacionais, Atividades de Vida; desloca-se aquilo que se ensina daquilo que se é; ou seja: ensina-se a ser terapeuta ocupacional, mas não se utiliza para isso o corpo terapeuta ocupacional para ensinar. O próprio professor, neste processo, abre mão do lugar de terapeuta, para assumir o lugar docente, visto que, estes aspectos não são observados no lidar com o estudante.

A disciplina aumenta as forças do corpo... e diminui essas mesmas forças. Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma “aptidão”, uma “capacidade” que ele procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência... (FOUCAULT, 1987, p. 119).

Perceber este processo anunciado nos dá suportes para refletir a Terapia Ocupacional que queremos desempenhar. Foi esta reflexão que me levou às Cartografias do Corpo enquanto uma perspectiva do ser Terapeuta Ocupacional, pois, é preciso ser inteiro, é preciso desenvolver a escuta.

Certa vez, ouvi de uma professora: “Repetimos tanto isso: escuta. Isto não é algo que pegamos colocamos na sacola e levamos para oferecer a alguém, não é fácil praticar a escuta”. Concordo com ela, enquanto corpo-parado, no processo de formação, ficamos mais surdos do que ouvintes e por vezes, nos perdemos no caminho.

Estes estados do corpo, partido, sujeitado, parado põem o mesmo em estado de refluxo. Entretanto, é possível, no processo, que algo se desloque daquilo que se apresentava como retilíneo e uniforme. O incômodo provocado pode ser gerador de reação podendo colocar o corpo em fluxo.

7.1.2 Corpo-Influxo

Encontramos nessa trajetória outros aspectos do corpo que o evidenciam como In-Fluxo, o prefixo *in* refere-se ao deslocamento para dentro, ou seja, um processo de aproximação, ampliando as possibilidades do corpo enquanto movimento de sentir-se inteiro em suas mais variadas ações.

A- Corpo-Experiência

Sobre a experiência (COPELIOVITCH, 2014, p. 93) nos diz: “é sempre uma passagem de um estado para outro, como na experiência de ferver ou congelar água. Para experienciar é preciso correr perigo, pois algo pode e deve ser modificado”. A Cartografia em questão revela este processo vivido, e lemos:

- era o olhar que movia seu corpo; o olhar do terapeuta que escuta, percebe e constrói. Talvez o fio estivesse sendo tecido de forma que não percebia.
- Lembrou como seu corpo sentia-se bem disposto em tais aulas, era propositivo.
- nutria os pensamentos sobre o corpo e a colocava em movimento
- dançou no CCS... um corpo em luta, pisou forte naquele chão porque conhecia sua aridez e sua sede por leveza e por novas formas de ensinar o cuidado, nos muitos cursos que abrigava
- curso de T.O começou a bailar com o de Dança
- A terapia ocupacional somada a dança havia expandido seu olhar.
- Andar mais próximo... havia ampliado os espaços de seu corpo em ação, um fazer que desconhecia em Terapia Ocupacional
- envolver seu corpo naquela brincadeira, era o instante moldando as relações de espaço e tempo

Uma forma de ser foi despertada e, à medida que caminhos eram abertos para experimentar-se, conexões se faziam e com mais propriedade assumia o lugar de terapeuta ocupacional, na reunião de si.

B- Corpo-Inteiro

Vemos delinear-se um terapeuta ocupacional que se entende como um cartógrafo, pois, percebe no olhar que escuta de corpo inteiro, o exercer do cuidado. É possível notar isto em alguns outros trechos e destacamos:

- Percebeu seu corpo ao longo do curso se configurar em muitas imagens, hoje a imagem que vê é a de um emaranhado.
- estabeleceu no seu corpo boas relações entre a mobilidade do que se lê e do que se confecciona enquanto conhecimento.
- olhar com cuidado as partes do corpo.
- quantas minúcias têm uma mão, não só em sua parte funcional, mas em história, são pregas de uma vida.
- “ O Pisar é tudo! Se você não tem uma boa base, não tem nada!” Ela ouvia exatamente isto nas aulas de dança, falavam de pés raiz, aqueles que estão bem plantados. Os pés narram uma trajetória.
- ao ouvir aquelas terapeutas, estar naqueles espaços, sentia seu corpo vibrar, uma sensação de direção a preencheu, foi como se um tampão saísse dos seus pulmões e voltasse a respirar.
- mais uma vez percebia a marca do olhar que escuta o outro.
- A experiência sensorial é difícil de traduzir em palavras, o amargo é uma sensação que só os nossos sentidos traduzem.
- “Não tem como ser terapeuta ocupacional sem se auto observar, preciso me observar para me ver no outro”
- olhar seu corpo podia levá-la a olhar além de seu corpo
- um aspecto que sabia não poder deixar fora de sua bagagem era o olhar, que pouco tinha haver com os olhos, mas com os sentidos, ver com o corpo inteiro.

Ser inteiro é percebe-se como um todo no que se propõe a fazer, visto que, não somos compostos por partes, somos todas as partes, o poema de Fernando Pessoa (1933) nos ilumina o entendimento ao dizer:

Para ser grande, sê inteiro: nada
Teu exagera ou exclui
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és
No mínimo que fazes.
Assim em cada lago a lua toda

Brilha, porque alta vive
(In Odes de Ricardo Reis. Fernando Pessoa, 1933, p.72)

Percebemos que, para assumir este aspecto do corpo, é preciso refletir sobre a formação que, por vezes, contrapõe essa construção, inviabilizando espaços para a diversidade das potencias que existem no conjunto, criam-se fôrmas que encaixem todo o diverso, e não formas que permitam o ascender de corpos únicos em seus saberes e que possam, neste processo, serem grandes, porque são inteiros.

A possibilidade de perceber-se inteiro desperta os sentidos do corpo, e é possível ser tocado pelos mais variados estímulos do espaço, a atenção é aguçada, passamos a compor o espaço e não apenas estar nele.

C- Corpo-Sensível

Nesta jornada, abre-se o olhar para o que toca este corpo, o afeta, e que o forma. O vivido mobiliza sensações que colocam o corpo repleto de afetos, ou seja, sendo atingido por tudo que o cerca e reagindo a este processo seja compondo e ampliando-se ou decompondo e impulsionando a superar-se. No diário identificamos alguns sinalizadores deste caminho:

- Não podia desconsiderar o cansaço no corpo.
- Viu colegas a chorar, dormir, superar, adoecer, desistir, mudar, esvaziar, encontrar, perder .
- conteúdos carregados de experiências de terapeutas ocupacionais diante dos mais variados temas
- corpo pouco propositivo, inconformado, mas cansado.
- Percebeu seu corpo doente... cada semestre adoecia, febres, infecções, enxaquecas, dores no estomago, nunca foi de ficar tão doente.
- Seu corpo tinha a imagem de uma mão cansada naqueles dias.
- entender o humano que habita espaços e é atravessado por estes.
- um diário, era dos sentidos do corpo que a professora tratava

-...hoje persegue este olhar, esta escuta do outro alcançada a medida que escuta a si.

- era o olhar que movia seu corpo; o olhar do terapeuta que escuta, percebe e constrói. Talvez o fio estivesse sendo tecido de forma que não percebia.

- Lembrou-se da emoção de construir a bolsa, quanto corpo habitava ali.

É possível notar que um corpo sensível é um corpo atento ao meio onde está inserido, é um corpo que reage nas mais diversas direções e é atravessado em todas as suas dimensões.

D- Corpo-Atravessado pelo outro

Percebemos um corpo que, em suas múltiplas possibilidades, é encontro, diálogo, e isto, apenas ocorre com a presença do outro neste caminho mediante abertura a escuta. No diário apresentado, os muitos outros transformaram o ser corpo, afetaram, atravessaram fazendo o que bem nos diz CAPRA:

É importante acentuar que o diálogo age não só individualmente na tensão EU X TU mas também se faz presente a rede em cada eu e em cada tu de tal maneira que constitui algo em comum e este algo em comum está presente tanto no eu como no tu. (CAPRA apud CASTRO, 2004, p.219)

Há nesta relação de atravessamento uma troca, uma ligação que nos põe em rede e faz todo o processo de vida ser tocado por múltiplas cores, pois, percebemo-nos em constante relação fomentadora do ser corpo. Somos um conjunto de afetações e isto é claramente visto no diário:

- ...hoje persegue este olhar, esta escuta do outro alcançada a medida que escuta a si.

- ...pessoas intrigantes chamadas comumente de loucas.

- ... Aquelas pessoas das enfermarias eram corpos vívidos, que precisavam ser vistos e por meio de canções e movimentos eles apareciam.

- ...viu uma colega falecer.
- Seu corpo foi afetado pela finitude, pela morte, e escreveu Luciana em alguma parte dele.
- Ver aqueles corpos mutilados em prol da ciência sempre a fazia pensar na história daquele homem e mulher.
- o observar dos corpos que usariam tais adaptações para ampliar suas funcionalidades.
- envolver seu corpo naquela brincadeira, era o instante moldando as relações de espaço e tempo.
- mais uma vez percebia a marca do olhar que escuta o outro.
- olhos que a constrangeram em muitos momentos.
- “Não tem como ser terapeuta ocupacional sem se auto observar, preciso me observar para me ver no outro”.

Expandimos a cada novo encontro onde trocas se configuram e re-configuram o corpo. O olhar para o outro re-significa, dilata, o olhar sobre si. Percebemo-nos enquanto coletivo repleto de identidade e a diversidade ganha notoriedade sob o foco do entrecruzamento presente nas muitas relações que se estabelecem.

E- Corpo-Marcado

Todas as experiências evidenciam marcas neste corpo e estas o compõem, as afetações, os atravessamentos, tatuam o corpo e uma escrita ali se insere. Isto amplia a possibilidade de olhar do corpo, pois localizar, ver nossas marcas permite, nesta caminhada, nos perceber como ricos em memórias. Muitas impressões no corpo se mostram na narrativa feita e seguem:

- Viu que seu corpo no curso de Terapia Ocupacional tinha a marca da humanização como uma grande interrogação.
- uma professora que além do teórico deixou no seu corpo a marca do Contexto...
- estava muito impresso nela, no mapa de suas mãos.

- O Laboratório era uma marca em seu corpo de desencobrimento.
- O corpo tecnológico lhe pareceu bem vindo.
- um corpo carregado de imprevisto.
- corpo cheio de leveza e aprendizagem levantou-se daquela cadeira
- o marco do cansaço no corpo
- deixou sua mãe contornar seu corpo, resolveu fazer um mapa de si neste percurso

Assim, ao articular o Corpo-Influxo e seus muitos aspectos, nos remetemos ao início deste texto e podemos nos ver enquanto processo de transformação. Muitos trechos da cartografia mostram esse corpo no espaço que SE tornou consciente de sua trajetória, podendo então chegar a definição de movimento porque de fato olhou-se; se talvez não o tivesse feito, permaneceria no vácuo de tentar ocupar um espaço que não lhe servia no corpo.

Pensar o lugar e a experiência na sua unidade, onde encontramos de maneira inesgotável, a possibilidade de deixar o corpo vigorar, pleno de propriedade, na energia de sua vigência, deixa surgir da experiência à ação o aproximar e acolher a morada. (CALFA, 2010, p.111)

Falar do corpo influxo é colocar em questão as possibilidades do corpo é destacar as inúmeras travessias as quais é submetido e então acrescido de potência, de saber, mais uma vez ouvimos NIETZSCHE (2007): “Habita no teu corpo... Há mais razões no teu corpo que em tua própria sabedoria” E são essas razões que nos levarão a olhar o outro em cuidado. “Mas se cura é cuidado, cura também é diálogo” CASTRO apud GUIDA (2014). Enquanto Terapeutas Ocupacionais estaremos em cuidado com o outro se estivermos em diálogo com o mesmo, e este pressupõe a escuta fundamental a todo cartógrafo.

Pensar a cura como cuidado é pensá-la como amor ao humano... É doar-se ao outro. É o cuidado com o que somos e com o que não somos, mas que justamente por não sermos é que também somos... Essa é a essência da alteridade, uma

essência que se dá na *con-vivência* e no apelo à escuta e ao diálogo (GUIDA, 2014, p.54)

Os muitos aspectos do corpo encontram comunhão quando é possível uma escuta de si que nos mova à escuta do outro consolidando o diálogo. Enquanto terapeutas ocupacionais seremos cartógrafos se atentamente voltarmos nossos olhos para os processos de experiência humana. E assim o encontro, com as mais diversas pessoas, nos colocará diante dos processos terapêuticos por meio de nossas ações de cuidado.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho apresentado é fruto das reflexões que se desenvolveram ao longo do curso de terapia ocupacional, dos atravessamentos experimentados em cada relação construída e que fizeram pensar sobre o que estava sendo formado. Por meio de suas investigações, o texto construído, afirma a inseparabilidade entre as perspectivas artísticas e científicas convicto da confluência dos saberes compondo a interdisciplinaridade da vida.

Ao observar as práticas do terapeuta ocupacional e em estágio exercitá-la foram se evidenciando aspectos do profissional que em muito se assemelhavam à construção de Cartografias do Corpo, pois, para que as intervenções se efetivassem percebi que era necessário um olhar que vê com o corpo inteiro, que não parte os sujeitos, mas dedica-se aos processos de experiência de cada ser corpo com quem se depara.

Desta forma, este estudo evidencia os encontros com terapeutas ocupacionais que em suas ações apontaram-se como cartógrafos do corpo, e outros cuja característica mencionada não foi observada. Isto se configurou como disparador para o refletir do trabalho em questão, que mostrou a necessidade de voltar o olhar para a formação em terapia ocupacional vivida, que em suas distintas abordagens, coloca o corpo influxo e em refluxo. Percebeu-se a atenção dedicada a esses corpos como primordial para produção de trajetórias influxo proporcionando a formação de terapeutas ocupacionais enquanto cartógrafos do corpo.

A construção do trabalho de conclusão de curso é uma marca em meu corpo que não foi narrada no diário, pois, construí-lo era estar mergulhada no desafio estando na própria questão investigativa. Cada linha escrita era o próprio trabalho se delineando e constatando o que havia antes desconfiado: é preciso olhar-se para significar a própria história e então abrir-se ao cuidado que operando em si, estende-se ao outro.

Devo a esse processo o fato de ter conseguido reunir pistas sobre o terapeuta ocupacional em mim, que ao ser cartógrafo abre-se ao diálogo,

envolve-se com corpo o todo na escuta propondo intervenções significativas que operam o processo terapêutico, porque são ricas em cuidado.

Constatou-se, por meio da cartografia, perspectivas e métodos ricos para a formação do terapeuta ocupacional que ao criar uma prática mais integrada constitui um corpo-cuidador. Destaca-se o valor das experiências que o colocam em estado de criação, re-criação proporcionando um corpo-investigador que encontra na reflexão dos processos vividos, a possibilidade de comunhão e composição do seu corpo ao colocar-se em ação.

Percebemos o que diz Nietzsche (2007) há sabedoria nos corpos, que precisam ser olhadas, ouvidas, sem importar se são estudantes, pacientes, profissionais, professores. Em suma somos corpos, repletos de fazeres que precisam aflorar na pele e manifestar-se em humanidade.

Encerro este trabalho com o trecho do poema citado, que ao ler inspirou todo este estudo, ecoando como desafio e constante convite em minha prática enquanto terapeuta ocupacional, cartógrafa do corpo.

“Os chineses vêem as horas nos olhos dos gatos.
segurando nas mãos um gato bem gordo,
e fitando-lhe, como se diz, o branco do olho,
afirmou sem hesitar: “Ainda não passou do meio-dia”

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Marcus Vinicius. **Corpo e Arte em Terapia Ocupacional**. Rio de Janeiro: ENELIVROS, 2004.
- BACHELARD, Gastón. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martin Fontes, 2008.
- BAUDELAIRE, Charles. **O Esplim de Paris: Pequenos Poemas em Prosa**. São Paulo: Martin Claret, 2010
- CALFA, Maria Ignez. **Convite ao Pensar- Corpo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2014.
- CALFA, Ignez. **A Corporificação na Dança**. 2010. 240. Tese (Doutorado em Poética) – Faculdade de Letras, Universidade Federa do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- CALFA, Maria Ignez. Sobre as Cartografias, uma Reflexão da Corporeidade. **Anais** do II Seminário Interno do Departamento de Arte Corporal da Escola de Educação Física e Desportos. Rio de Janeiro, 2006.
- CASTRO, Eliane; LIMA, Elizabeth; BRUNELLO, Maria Inês. **Terapia Ocupacional no Brasil. Fundamentos e perspectivas- Atividades Humanas e Terapia Ocupacional**. São Paulo: Plexus, 2001.
- CASTRO, Manuel Antonio. **ARTE: O HUMANO E O DESTINO**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2011.
- CASTRO, Manuel Antonio. **Convite ao Pensar- Dialética**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2014
- CASTRO, Manuel Antonio. **Dicionário de Poética e Pensamento**. Disponível em: < <http://www.dicpoetica.letras.ufrj.br> > acesso em: 15/06/2015.
- COPELIOVITCH, Andrea. **Convite ao Pensar- Experienciação**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2014.
- FOUCAULT, Michael. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- GOMES, Romeu. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade - Análise e Interpretações de dados de Pesquisa Qualitativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica Cartografias do Desejo**. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.
- GUIDA, Angela. **Convite ao Pensar- Cura**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2014.
- LOPES, Kleber. Quando o que poderia ser se faz numa feira livre em Aracaju. In: LOPES, K., CARVALHO, E. N. LOPES, K. **Ética e as Reverberações do Prazer**. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Martin Claret, 2007.

PASSOS, Eduardo et al. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2014.

PESSOA, Fernando. **Poemas Escolhidos**. Coleção Livros 6. Santiago: O Globo, 1997.